

Universidade Federal de Minas Gerais
Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de
Leitura e de Produção de Texto

André Alexandre Santos Tavares

Análise de minicontos publicados em meio digital: organização
retórica e projeção de sentidos

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2021

André Alexandre Santos Tavares

**Análise de minicontos publicados em meio digital: organização
retórica e projeção de sentidos**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação *lato sensu* em Língua Portuguesa da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para aprovação e obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Jairo Venício Carvalhais Oliveira

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2021

Tavares, André Alexandre Santos.

T231a Análise de minicontos publicados em meio digital [recurso eletrônico] : organização, retórica e projeção de sentidos / André Alexandre Santos Tavares. – 2021.

1 recurso online (49 f. : il., p&b.) : pdf.

Orientador: Jairo Venício Carvalhais Oliveira.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e de Produção de Texto da Faculdade de Letras da UFMG.

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Referências: f. 45-46.

Anexos: f. 47-47.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua Portuguesa – Métodos de ensino. 2. Retórica. 3. Gênero textuais. 4. Gêneros Discursivos. I. Oliveira, Jairo Venício Carvalhais. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.07



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO ALUNO ANDRÉ ALEXANDRE SANTOS TAVARES

Realizou-se, no dia 10 de setembro de 2021, às 13:30 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Análise de minicontos publicados em meio digital: organização retórica e projeção de sentidos*, apresentado por ANDRÉ ALEXANDRE SANTOS TAVARES, número de registro 2020656226, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Prof. Jairo Venício Carvalhais Oliveira - Orientador (UFMG), Profa. Danúbia Aline Silva Sampaio, Profa. Carmen Starling Bergamini Grijó (UFMG).

A Comissão considerou o Trabalho:

(X) Aprovado

() Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 10 de setembro de 2021.

Prof. Jairo Venício Carvalhais Oliveira (Doutor)

Profa. Danúbia Aline Silva Sampaio (Doutora)

Profa. Carmen Starling Bergamini Grijó (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por Jairo Venício Carvalhais de Oliveira, Professor do Magistério Superior, em 13/09/2021, às 20:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Carmen Starling Bergamini Grijó, Usuário Externo, em 14/09/2021, às 19:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Danúbia Aline Silva Sampaio, Usuário Externo, em 23/09/2021, às 16:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 0918543 e o código CRC 8B535547.

DEDICATÓRIA

Esta monografia é dedicada a todos os professores que muito se mostraram preocupados com as novas formas de ensinar e que acabaram contagiando-me com a inquietação frente aos obstáculos que vivenciamos na educação. Dedico também às escolas nas quais lecionei e aos alunos que passaram pelo meu caminho, pois muito me ensinaram e despertaram em mim o gosto de entender e pesquisar as práticas educacionais. Na impossibilidade de nomear todos aqui, eles ficam homenageados e representados na pessoa da minha avó Sílvia (*in memoriam*) que instaurou em mim o prazer de estudar, que sonhava os meus sonhos comigo e me mostrou a importância do estudo. Pelos ensinamentos passados, risos marcados e alegrias constantes, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora, por guiarem os meus passos até essa realização. Por mostrarem a mim que tudo tem seu tempo e que tudo acontecerá no momento oportuno.

Ao professor Dr. Jairo Venício Carvalhais Oliveira, pelo apoio e discernimento na orientação desta pesquisa, pela escuta atenta e sensibilidade ao me guiar pelos caminhos do conhecimento aqui adquirido. Minha gratidão por ter sido um colega de profissão que esteve presente desde o meu primeiro dia na sala de aula, pelo entendimento necessário e, acima de tudo, por despertar novamente em mim o gosto pela pesquisa acadêmica.

A minha mãe Eliane, a minha irmã Andréia e ao meu pai Francisco, pelo apoio e pela cumplicidade de sonharem comigo os meus sonhos. E entenderem que minha ausência, muita das vezes, justifica-se pela razão de estar em busca de novos aprendizados, mas, acima de tudo, por acreditarem que eu poderia chegar aonde eu quisesse.

À amiga Michele Cristina de Oliveira Araújo, protagonista da ideia desenvolvida neste trabalho, ouvinte atenta das incertezas encontradas ao longo do caminho e, sobretudo, pelo incentivo em todos os momentos, sem os quais a concretização desta pesquisa teria sido ainda mais difícil.

Ao Amendoim e ao Lucky, grandes amigos e companheiros de jornada, que nas incertezas e nos isolamentos para os estudos e para a escrita sempre estiveram presentes. Pelo olhar atento e pela alegria presente ao lado da cadeira. Por saberem esperar e reafirmarem a lealdade e o amor incondicional de um ser vivo.

E, por fim, aos colegas e amigos que a escola me apresentou, com os quais tive a oportunidade de aprender e trocar experiências, por reafirmarem em mim a certeza de que o estudo é o único caminho transformador dentro e fora da sala de aula. A vocês, a minha sincera gratidão por fazerem parte da minha construção pessoal, profissional e intelectual.

Obrigado!

“Escrever é a arte de cortar palavras”.

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

O presente trabalho toma como objeto de investigação o gênero textual *miniconto*, focalizando a análise de suas características sociocomunicativas (condições de produção, circulação e recepção) e a descrição de sua organização retórica, com o intuito de compreender como tais recursos podem contribuir para o ensino desse gênero em aulas de Língua Portuguesa. A pesquisa, de natureza documental e de base qualitativa, buscou ancoragem teórica nos trabalhos de Bakhtin (2001) sobre os gêneros do discurso e nos postulados da Teoria da Estrutura Retórica dos Textos (RST), com ênfase nas pesquisas de Mann & Thompson (1988, Antonio (2003) e Decat (2010). Além disso, com base na literatura da área, buscou-se também a contribuição de estudos gerais sobre o miniconto, a fim de uma melhor compreensão dos parâmetros que caracterizam a sua constituição e o seu funcionamento nas práticas sociais de uso da linguagem. Para a realização da descrição e da análise de textos representativos desse gênero, foram selecionados, de forma assistemática, 05 (cinco) minicontos publicados em uma revista eletrônica destinada, exclusivamente, à publicação do gênero, no período de julho a novembro de 2020. O gênero e os textos a ele pertencentes foram examinados à luz de contribuições da teoria bakhtiniana e de categorias advindas da Teoria da Estrutura Retórica (RST). Entre outros aspectos, os resultados alcançados com a investigação indicam que os minicontos apresentam um horizonte temático marcado pela subversão de imaginários e representações sobre conteúdos da vida social contemporânea, além de apresentarem como propósito comunicativo central uma reflexão sobre questões existenciais e sentimentais da natureza humana. No tocante à organização textual, foi possível observar que os textos apresentam uma série de relações lógicas, as quais englobam tanto as propriedades composicionais e narrativas do gênero em estudo quanto a categorização de blocos e unidades informacionais que auxiliam na compreensão e na interpretação dos textos. Por fim, é plausível afirmar que os minicontos, vistos como práticas discursivas predominantemente presentes no universo virtual, podem estar a serviço da formação de leitores críticos e reflexivos acerca de diferentes assuntos que caracterizam e constituem a vida em sociedade.

Palavras-chave: Gêneros discursivos. Miniconto. Organização retórica.

ABSTRACT

This work has as its object of investigation the genre of micro short stories (or micro stories), focusing analysis on its socio-communicative characteristics, such as condition of production, circulation, and reception, including a description of theoretical organization, with the aim of understanding the way these resources can contribute to teaching the genre in Portuguese Language lessons in Brazil. This research has a qualitative foundation and documental nature, with a theoretical background from Bakhtin's studies (2001) on speech genres, and from the postulates of Rhetorical Structure Theory (RST), with emphasis on Mann and Thompson's (1988), Antonio's, (2003) and Decat's (2010) works. Moreover, based on the critical literature in the field, I searched contributions from general studies about the micro story in order to understand the parameters that characterize its constitution and function in social practices through language. To analyse and describe the texts that represent that genre, I selected, asymmetrically, 05 (five) micro stories that were published in an electronic magazine exclusively dedicated to the genre, between July and November 2020. Micro stories and its texts were examined through the contributions from Bakhtinian theory and from the categories in Rhetorical Structure Theory (RST). Among other aspects, the results achieved with the investigation suggest that micro stories present a thematic horizon marked by subverting imaginations and representations about content from contemporary social life, in addition to presenting as their central communicative purpose a reflection about existential and emotional issues in human nature. Regarding textual organization, I observed that the texts presented a series of logical relationships, which encompassed both compositional properties and narratives from the studied genre, as well as a categorization in blocs and informational units that assist in understanding and interpreting texts. Finally, it is plausible to state that micro stories, seen as discursive practices that are predominantly present in the virtual universe, may service the formation of critical and reflexive readers about diverse topics that characterize and constitute life in a society.

Keywords: Speech genres. Micro story. Rhetoric organization.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O TEMA	11
1.2 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	12
1.3 OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
1.4 JUSTIFICATIVAS PARA A ESCOLHA DO OBJETO DE PESQUISA.....	13
1.5 APRESENTAÇÃO SUCINTA DO ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	14
1.6 DESCRIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO GERAL DA MONOGRAFIA	15
2. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ATUALIDADE	16
2.1 LÍNGUA PORTUGUESA E OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS	16
2.2 LÍNGUA PORTUGUESA E O MINICONTO NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR	17
2.3 OS GÊNEROS TEXTUAIS COMO OBJETO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA	20
3. SOBRE A TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA DOS TEXTOS.....	22
4. ASPECTOS METODOLÓGICOS	25
4.1 CRITÉRIOS USADOS PARA A SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i>	25
4.2 PERCURSO E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	25
5. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	26
5.1 O GÊNERO TEXTUAL MINICONTO: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO.....	27
5.2 ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DO MINICONTO 01	30
5.3 ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DO MINICONTO 02	32
5.4 ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DO MINICONTO 03	35
5.5 ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DO MINICONTO 04	37
5.6 ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DO MINICONTO 05	40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXO	48

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, em meio a correria que vivemos no dia a dia, quanto mais curta e direta for a informação, maior a chance de consumi-la. Assim, percebe-se que a simplicidade se torna mais acessível do que aquilo que é complexo e longo. A velocidade da modernização e a condensação de informações têm propiciado, no campo das inovações tecnológicas, o surgimento de gêneros textuais capazes de estabelecer diálogo com novas formas de comunicação, as quais se caracterizam, sobretudo, por fatores como imediatismo, objetividade e fragmentação. Esse fenômeno acaba exercendo forte influência no modo como as pessoas interagem e aprendem, propiciando também a economia de tempo por parte dos leitores na sociedade contemporânea.

Ao relacionar os gêneros como pertencentes à linguagem, é possível perceber que ambos apresentam certa antiguidade identitária, pois, devido à constante modernização que nos permeia é, talvez, impossível a estrutura da linguagem ter um tempo de duração ou formalidade distinta à classificação dos gêneros, afinal de contas, se a língua varia, o gênero também é flexível e mutável. Sendo assim, hoje, a noção de gênero ampliou-se, apesar de ainda manter uma identidade com condicionamentos de escolhas próprias para cada estrutura textual e, por mais que ainda se torne algo inovador, é possível analisar aquilo que é criado a partir de um gênero já existente.

Pode-se reconhecer que os gêneros não são considerados formas puras nem muito menos estruturados de maneira rígida, pois ao se organizarem apresentam inovações estruturais e composicionais. O conto, por exemplo, em suas diversas subclassificações, como conto fantástico, conto humorístico, conto de suspense, conto amoroso, entre outros, agora se apresenta em sua versão mais curta: o miniconto, caracterizando-se por meio de uma história completa, porém, em um exíguo espaço de narração.

É, portanto, na dimensão dos gêneros textuais que se constrói a análise a ser investigada neste trabalho, pautando no estudo das características sociocomunicativas e composicionais de um novo gênero presente nos meios sociais a que se tem dado o nome de miniconto, microconto, nanoconto e até mesmo microrelato¹, uma vez que essa prática discursiva tem exercido forte impacto nas novas formas de descrever e de narrar na atualidade.

¹ Alguns autores, em estudos anteriores, ora usam determinada nomenclatura ora outra. Neste trabalho, optamos por denominar o gênero analisado com o nome de “miniconto”.

Além disso, tal escolha dá-se também pela ausência de informações teóricas relativas a este gênero no cenário escolar e, até mesmo, à ausência de referenciação acadêmica, visto que a investigação proposta tem o intuito de realizar uma caracterização identitária do miniconto nos estudos da linguagem.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O TEMA

“O dinossauro”, escrito por Augusto Monterroso, é considerado o mais famoso miniconto do mundo. O autor, em trinta e sete letras e apenas sete palavras, revela para os leitores uma narrativa (com início, meio e fim) em uma simples frase, porém com uma vasta multiplicidade de sentidos que já foi (e ainda é) citado, estudado, analisado e interpretado atualmente. Datado a partir do século XX, o miniconto é um gênero que pode nos dizer muito em poucas linhas, entretanto, ainda pouco discutido e até mesmo ineficazmente trabalhado em sala de aula e precariamente investigado em âmbito acadêmico. O gênero mostra-se como algo inovador para os alunos em relação aos diversos textos orais e escritos já trabalhados ano após ano em sala de aula, como por exemplo, notícias, reportagens, letras de canção, propagandas, tirinhas, charges, resenhas, entre outros.

Em uma sociedade moderna em que o tempo às vezes se torna curto demais para os hábitos de leitura, o gênero miniconto veio para tentar aclarar esta problemática. Ainda pouco discutido e pouco ensinado nas escolas, ele pode mostrar-se capaz de possibilitar a ampla imaginação e interpretação dos leitores, uma vez que é indubitável questionarmos sobre o que é que faz um miniconto tornar-se uma leitura narrativa satisfatória em si, e não apenas um parágrafo ou frase fragmentada. Além disso, o prefixo “mini” já nos remete ao que esperar do gênero, mas não extinguindo as análises composicionais que dele se provem e as múltiplas interpretações que se pode fazer do texto.

Como qualquer outro gênero, percebemos que o miniconto é uma interação social em que o enunciador e o interlocutor participam do processo comunicativo para a interpretação textual, pois o assunto tratado aqui evidencia a utilidade na leitura de minicontos para tornar os leitores mais autônomos e críticos diante de uma escrita tão exígua. Assim, coaduna-se cada fragmento oracional do miniconto para uma interpretação que permeia conhecimentos prévios e construções de mundo, visto que outros efeitos de sentidos também podem ser aguçados no leitor, como por exemplo, a

compreensão de figuras de linguagem, intertextualidade, ambiguidade, polissemia, entre outros.

1.2 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Esta pesquisa propôs a possibilidade do entendimento dos caminhos de leitura interacionais entre leitor e autor, tornando o leitor uma figura corresponsável pela construção de sentidos do gênero miniconto. A problematização da pesquisa realizada aborda se é possível dividir o miniconto em unidades de informação e se estes blocos conseguem resolver unitariamente o entendimento, a compreensão e a interpretação que os leitores têm. Além disso, queremos entender como o gênero miniconto apresenta-se em relação ao conteúdo e aos diversificados assuntos que os permeiam e que induz interesse aos leitores.

Em virtude dessas ponderações, o número de letras, bem como o número de palavras, não serão problemas a serem analisados no trabalho, visto que nas teorias e referências bibliográficas investigadas, cada autor considera números diversos, tanto de letras como de palavras para a caracterização de um miniconto. O que nos cabe analisar, dentro da problemática da pesquisa, é se o gênero textual pesquisado consegue apresentar um início, meio e fim e se a sua construção propicia, de fato, uma projeção de sentidos para uma possível interpretação profícua por parte do leitor, sinalizando, dessa forma, elementos que, em alguma medida, podem ser considerados recursos narracionais no gênero em questão.

3.1 OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Analisar a configuração sociocomunicativa e a organização retórica do gênero textual “miniconto”, objetivando compreender como tais elementos de natureza contextual e composicional podem contribuir para o ensino desse gênero em aulas de Língua Portuguesa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I. Examinar aspectos relacionados às condições de produção, de circulação e de recepção do gênero textual “miniconto”.
- II. Descrever a organização retórica de exemplares desse gênero, buscando compreender o funcionamento da composicionalidade interna dos textos.
- III. Apontar, com base nos resultados alcançados em (i) e (ii), possíveis contribuições advindas da análise desse gênero em aulas de Língua Portuguesa da educação básica.

1.4 JUSTIFICATIVAS PARA A ESCOLHA DO OBJETO DE PESQUISA

Com quantos paus se faz uma canoa? Essa é uma pergunta interessante se levarmos em apreço o intuito desta pesquisa, pois como retratado anteriormente, ainda há uma ausência de como um gênero tão curto, mas que pode nos dizer muito, é escrito com tão poucas letras e palavras. Ao trabalhar já há alguns anos em sala de aula e acompanhando as mudanças em relação ao aparecimento de novos gêneros textuais, percebe-se que alguns textos estão cada vez mais usuais devido à constante mudança da modernidade e ao crescimento inopinadamente da tecnologia. Sendo assim, o famoso dito popular que introduz esta justificativa nos leva a refletir como poucos elementos podem formar um gênero textual com múltiplas possibilidades de entendimento e análise.

Desde os primórdios, os gêneros mais trabalhados em sala de aula abrem espaço para a necessidade de também se trabalhar com textos mais próximos e mais acessíveis aos leitores, como por exemplo, vlogs, comentários, podcasts, fanfics e, especificamente, o que mais nos apetece para construir este trabalho: os minicontos. Há pouco tempo se discute sobre a origem e, inclusive, qual foi o primeiro miniconto a ser considerado de fato pertencente a esse gênero dentro da literatura, o que até então não é um trabalho fácil, partindo da premissa do que considerar para caracterizar um texto como miniconto: número de letras, de palavras, de ideias transmitidas pelo texto, de elementos básicos da narrativa etc.

Para exemplificar como o gênero já está sendo atualmente inserido nos âmbitos escolares, citamos aqui o livro de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental

(Teláris Português) escrito por Ana Trinconi, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, publicado pela Editora Ática em 2019, onde se percebe em toda uma unidade o foco para o estudo do microconto (como as escritoras também se referem ao gênero aqui analisado). As autoras apresentam temáticas diversificadas e subversivas que também analisaremos mais adiante como, por exemplo, temas familiares, amorosos, sentimentais, entre outros.

A partir dos apontamentos apresentados até aqui, a escolha do tema deu-se na percepção de analisar que a estrutura do miniconto vai além de sua extensão, fazendo com que o gênero também possa ser analisado como importante ferramenta para o ensino e para a produção em sala de aula. Dessa maneira, a análise de minicontos nos interessa, pois, além de apresentar aspectos gramaticais possíveis de apreciação, a questão estilística situada no texto e os efeitos de sentido que ele proporciona podem corroborar para que os leitores tenham um maior apreço e interesse pela leitura.

1.5 APRESENTAÇÃO SUCINTA DO ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Num primeiro momento, discorreremos sobre os aspectos fundamentais do ensino de Língua Portuguesa na atualidade, embasados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Feito isso, buscamos respaldo na teoria enunciativo-discursiva de Bakhtin (2001) sobre os gêneros do discurso e na Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST) para a análise dos minicontos selecionados neste trabalho. A esse referencial teórico de base, foram acrescentadas contribuições teóricas advindas dos estudos de Adam (1990), Marcuschi (2011), Koch e Elias (2009) e Paulino (2001), trabalhos cujos conceitos, de alguma forma, contribuíram para sustentação das análises empreendidas. De modo geral, as análises procuraram, primeiramente, examinar as condições de produção, circulação e recepção dos minicontos que formam o *corpus* da pesquisa. Na sequência, procuramos descrever a organização retórica dos textos, fundamentando-nos trabalhos de Mann & Thompson (1988), Antonio (2003) e Decat (2010).

1.6 DESCRIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO GERAL DA MONOGRAFIA

Esta monografia divide-se em seis capítulos. Este primeiro capítulo apresenta as considerações iniciais. Apresentamos nele a introdução desta pesquisa, a qual destina-se como objeto de análise o estudo do gênero miniconto e uma contextualização sobre o tema, bem como a apresentação do problema de pesquisa e a justificativa. São expostos ainda nesse capítulo o objetivo geral e os objetivos específicos, além de uma breve descrição do arcabouço teórico-metodológico e da organização geral do trabalho.

O segundo capítulo trata do ensino de Língua Portuguesa na atualidade, expondo um breve panorama sobre os gêneros textuais como objeto de ensino-aprendizagem. Destaca-se, neste capítulo, as análises e investigações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de Bakhtin (2011), de Marcuschi (2011), de Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2009) e de Graça Paulino (2001). Além disso, este capítulo também é destinado à exposição de pressupostos teóricos sobre os gêneros do discurso (Bakhtin, 2011 [1959]).

O terceiro capítulo cumpre a função de apresentar conceitos fundamentais da Teoria da Estrutura Retórica (RST), tendo como referência os trabalhos de Mann & Thompson (1988), Antonio (2003) e Decat (2010). O quarto capítulo, por sua vez, é reservado aos critérios utilizados para a seleção do *corpus* e para os percursos e procedimentos de análise.

O quinto capítulo aborda as análises dos dados e os resultados alcançados nesta pesquisa. Por ordem, estruturou-se esse capítulo a partir do apontamento das principais características sociocomunicativas do gênero miniconto (condições de produção, circulação e recepção) e da análise da organização retórica de textos representativos desse gênero, com base na RST.

Por último, no sexto capítulo, ocupamo-nos das conclusões finais do trabalho, retomando e discutindo o objetivo geral e os objetivos específicos propostos para o trabalho, a fim de não escassear os estudos referente ao gênero miniconto, mas, sim, de deixar possíveis lacunas em aberto para novas pesquisas sobre essa prática discursiva.

2. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ATUALIDADE

Esta seção destina-se à apresentação de conceitos e perspectivas diretamente relacionados ao ensino de Língua Portuguesa na atualidade. Para tanto, discorreremos sobre esse assunto com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, também, levamos em consideração alguns pontos atuais propostos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

2.1 LÍNGUA PORTUGUESA E OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

A linguagem, caracterizada como um processo de interação e apresentando-se com finalidades específicas dependendo dos seus diversificados contextos, realiza-se em práticas e grupos sociais conforme as condições propostas tanto pela situação comunicativa quanto pela interação de seus falantes. A esse respeito, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) - (BRASIL, 1998) abordam os avanços tecnológicos e as exigências que eles estipulam para a Língua Portuguesa, ressaltando que “tal demanda impõem uma revisão dos currículos, que orientam o trabalho cotidianamente realizado pelos professores e especialistas em educação do nosso país” (BRASIL, 1998, p. 5). Além disso, segundo os PCN, os alunos devem ser capazes de “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (BRASIL, 1998, p. 8), afinal de contas, não se pode contestar que o ensino hoje em dia não é o mesmo ensino tradicional proposto antigamente, visto que a realidade e o interesse dos alunos se modificaram.

É válido ainda ressaltar que o domínio da linguagem e o domínio da língua são sistemas que devem ser utilizados pelos alunados, assim, os PCN afirmam que “cabe à escola promover sua ampliação de forma que (...) cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações” (BRASIL, 1998, p. 19). Em suma, é por meio dos textos que os alunos conseguem interagir, comunicar, abrir novos horizontes e ter conhecimento de mundo, a fim de possibilitar uma melhor construção escolar e participação social.

Os PCN relacionam os textos como pertencentes a grupos infinitos de gêneros e ressaltam ainda que

o discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. O produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão, é o texto (...) **todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos.** Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros (...) (BRASIL, 1998, p. 21) [grifo nosso].

Dessa maneira, percebe-se que independentemente do tamanho do texto ou de sua estruturação, o miniconto, por exemplo, consegue se relacionar com o gênero conto que já vinha sendo trabalhado desde os primórdios, permanecendo, assim, uma estreita relação entre esses dois gêneros.

Em relação às Tecnologias da informação e à Língua Portuguesa, os PCN nos mostram a importância do desenvolvimento tecnológico indo de encontro ao que se pensava antigamente sobre a tecnologia não contribuir com a leitura e com a escrita. Diante disso, como afirmam o PCN

os gêneros existem em número quase ilimitado, variando em função da época (epopéia, *cartoon*), das culturas (haikai, cordel) das finalidades sociais (entreter, informar), de modo que, mesmo que a escola se impusesse a tarefa de tratar de todos, isso não seria possível. Portanto, é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais aprofundada (BRASIL, 1998, p. 24).

Portanto, é cabível salientar a viabilidade e importância em relação à diversidade de gêneros a fim de atender as demandas sociais da atualidade, uma vez que esses gêneros, além de serem organizados de diferentes maneiras, estão mais próximos e acarretam mais interesse na vida dos leitores a que se destinam.

2.2 LÍNGUA PORTUGUESA E O MINICONTO NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tem por objetivo corresponder às demandas do estudante na contemporaneidade e estipula competências gerais para a Educação Básica. Assim sendo,

é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2017, p.7) [grifo do autor].

Dessa forma, a sociedade na qual deparamo-nos atualmente requer um novo olhar para os textos que circulam nas culturas digitais, assim, a Língua Portuguesa sob o olhar da BNCC impõe a “selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos para apoiar o processo de ensinar e aprender” (BRASIL, 2017, p.17).

Desde a Educação Infantil até o Ensino Médio os jovens são vistos como protagonistas da cultura digital: absorvendo, acessando, interagindo, e, acima de tudo, expressando-se de maneira mais sintética com ela. Portanto, a BNCC acentua sobre a importância da escola “instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes” (BRASIL, 2017, p. 61), a fim de adequar os gêneros de Língua Portuguesa pertencentes às ofertas midiáticas e digitais, contribuindo de maneira significativa no desenvolvimento dos estudantes. Além disso, a BNCC nos diz que

os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas (BRASIL, 2017, p .67).

Dessa maneira, percebe-se que a contemporaneidade nos traz novos gêneros mais atuais e dinâmicos em consonância à vida dos alunos. Não se trata de excluir ou deixar de lado os gêneros que até em décadas passadas eram trabalhados em sala de aula, mas além disso

contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente (BRASIL, 2017, p. 70).

A esse respeito, o gênero miniconto, destinado ao estudo desta pesquisa, aparece na BNCC desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio no Campos artístico-literário. No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, o gênero é exposto em Práticas de Linguagem – Análise linguística/semiótica (ortografização) e como objeto de conhecimento a forma de composição de textos poéticos visuais. Sendo assim, a habilidade relaciona-se ao ato de “Observar, em ciberpoemas e **minicontos** infantis em mídia digital, os recursos multissemióticos presentes nesses textos digitais” (BRASIL, 2017, p.135) [grifo nosso].

Já no Ensino Fundamental – Anos Finais, o gênero aparece em duas ocorrências. Na primeira, na prática de Leitura, como objeto de conhecimento as estratégias de leitura/apreciação e réplica, a habilidade proposta pela BNCC faz ver que

ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, **minicontos**, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (BRASIL, 2017, p.187) [grifo nosso].

Por sua vez, na segunda habilidade, prática de Produção de Textos, traz como objeto de conhecimento a construção da textualidade, ressaltando sobre o intuito de

criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, **minicontos**, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa (BRASIL, 2017, p. 187) [grifo nosso].

Por fim, no Ensino Médio, o trabalho com o miniconto (também descrito na BNCC como nanoconto) aparecerá somente nos Parâmetros para a organização/progressão curricular também do campo artístico-literário. Assim, ela sugere sobre

diversificar, ao longo do Ensino Médio, produções das culturas juvenis contemporâneas (*slams*, vídeos de diferentes tipos, *playlists* comentadas, *raps* e outros gêneros musicais etc.), **minicontos**, **nanocontos**, *best-sellers*, literaturas juvenis brasileira e estrangeira, incluindo entre elas a literatura africana de língua portuguesa, a afro-brasileira, a latino-americana etc., obras da tradição popular (versos, cordéis, cirandas, canções em geral, contos folclóricos de matrizes europeias, africanas, indígenas etc.) que possam aproximar os estudantes de culturas que subjazem na formação identitária de grupos de diferentes regiões do Brasil (BRASIL, 2017, p. 524) [grifo nosso].

A partir dessas concepções, percebe-se que a Língua Portuguesa, um dos pilares da educação, é vista segundo à BNCC como algo que deve ser tratada de forma contínua, analisando os diferentes gêneros textuais que estão em circulação e mais próximos da vida dos estudantes devido à demanda do acesso tecnológico, com o propósito de garantir uma educação mais abrangente nos diferentes meios de participação dos indivíduos.

2.3 OS GÊNEROS TEXTUAIS COMO OBJETO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA

Como objetivo do nosso estudo neste trabalho, possibilita-se a apresentar algumas concepções de gêneros textuais como objeto de ensino-aprendizagem da língua, a fim de levantarmos as considerações que refletem os pressupostos aqui adotados. Dessa forma, pautaremos nesta pesquisa a denominação de gêneros textuais, porém, não abstando as outras terminologias que outros estudiosos da língua utilizam.

A princípio, cabe ressaltar que os gêneros se apresentam em vasta multiplicidade. Desde os mais antigos aos mais atuais textos, os estudiosos estão sempre em busca de entender e analisar esse tema. Posto isso, Bakhtin (2011, p. 283) faz ver que “a diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação”, ou seja, cada gênero tem características determinadas pela época.

Pautando-se na análise da língua como uma necessidade nata do ser humano de se expressar, é possível perceber que os gêneros estão presentes em nosso meio há muito tempo, dispondo-nos, atualmente, de um vasto repertório. É até difícil separar algum ato da linguagem humana (oral ou escrita) que não tenha vínculo com os gêneros do discurso. Nesse viés, Bakhtin assegura que

os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. Em cada época de evolução da linguagem literária, o tom é dado por determinados gêneros do discurso (...) (BAKHTIN, 2011, p. 268).

Aqui, por exemplo, pautamos na análise da evolução tecnológica em consonância à relação com os novos gêneros da atualidade, mais precisamente, o miniconto. Assim, ainda pela ótica Bakhtiniana “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (Bakhtin, 2011, p. 272), isto é, o gênero miniconto, aqui estudado, pode ser relacionado como um elo arranjado parcialmente estruturado com base em outro discurso, neste caso, o conto. Tornando-se assim, ao longo da história, uma rica e vasta variedade de gêneros, visto que

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em

cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Dando sequência a esse raciocínio, vale salientar a importância de se distinguir os gêneros discursivos primários (simples) dos gêneros discursivos secundários (complexos), segundo os estudos apontados por Bakhtin. O miniconto, por exemplo, enquadra-se nos gêneros secundários, ou seja, surge de condições mais complexas, desenvolvidas e organizadas. E cabe aos gêneros primários estruturarem-se com formações menos complicadas, surgindo de condições comunicativas imediatas. Além disso, Bakhtin (2011) nos diz que os gêneros secundários podem absorver os gêneros primários, isto é, os gêneros primários passam a integrar os gêneros secundários obtendo características próprias, fazendo com que se perca a relação no âmbito do cotidiano e da realidade.

Dessa maneira, todas as esferas da atividade humana, por mais diversificadas que sejam, estão conexas com a utilização da língua. Existe, a partir daí, uma prática comunicativa entre os falantes por meio dos gêneros que podem ser modelados ou remodelados conforme os processos interacionais, “visto que as esferas de utilização da língua são extremamente heterogêneas, também os gêneros apresentam grande heterogeneidade” (KOCH, 2009, p. 55). A respeito disso, Marcuschi (2011) pontua que os gêneros, além de serem flexíveis e variáveis, também se adaptam, renovam-se e multiplicam-se. Não são, portanto, estáticos e puros, mas têm a capacidade de mudarem e se transformarem. Portanto, não podemos considerar os gêneros textuais como elementos enrijecidos e emoldurados.

Os gêneros pertencem aos meios de articulação entre as práticas sociais e, como afirma Koch (2009), enquadram-se

como qualquer outro produto social, os gêneros não são formas fixas, mas estão sujeitos há mudanças, decorrentes das transformações sociais, de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal, bem como de modificações conforme o lugar atribuído ao ouvinte (KOCH, p. 58).

Em virtude dessas ponderações, os gêneros estão dinamicamente em plena modificação, ou seja, vão surgindo novos a partir de outros já existentes de acordo com as necessidades sociocomunicacionais necessárias, “nem sempre temos algo novo, mas derivado” (MARCUSCHI, p. 22).

Bakhtin (2011) realça também a questão de os gêneros serem empregados dependendo das condições de determinadas funções, ou seja, serem gerados especificamente para cada campo, apresentando estilos, funções e condições de comunicação, não podendo, conseqüentemente, desassociar o estilo que integra o gênero, pois

todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados (...) Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve, isto é, pode ser estilo individual” (BAKHTIN, 2011, p. 265).

Assim sendo, o gênero miniconto reflete uma individualidade na linguagem que gêneros menos propícios como atas, certidões, editais, por exemplo, não podem apresentar, pois requerem uma forma mais padronizada. Por sua vez, quanto a funcionalidade dos gêneros, Marcuschi (2011) alega que os gêneros servem tanto para o funcionamento da língua quanto para as atividades culturais e sociais, pois

desde que não concebamos os gêneros como **modelos estanques** nem como **estruturas rígidas**, mas como **formas culturais e cognitivas de ação social** corporificadas de modo particular na linguagem, veremos os gêneros como entidades dinâmicas (MARCUSCHI, p. 18) [grifos do autor].

À vista disso, percebemos que os gêneros estão inseridos há muito tempo em nosso meio, surgindo daí a necessidade de adequá-los às demandas sociais para que esta profusão de gêneros permita que o novo também faça parte socialmente da vida dos leitores.

3. SOBRE A TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA DOS TEXTOS

A fim de entender como as orações de um texto mantêm relações no processo de interpretação, conferindo coerência ao texto, para a investigação desta pesquisa foi proposta a Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory* – RST). Essas relações distintas fazem parte de uma lista, que não se esgotam, criada por Mann &

Thompson (1988)². São elas: solução, evidência, justificativa, motivação, razão, sequência, elaboração, reformulação, condição, causa, concessão, fundo, circunstância etc.

A teoria pertence a um grupo funcionalista norte-americano formado fundamentalmente por Sandra Thompson, Christian Matthiessen e Willian Mann, constituindo-se em uma abordagem funcionalista com o intuito de explicar a construção da coerência dos textos através das partes que os constituem, proporcionando uma explicação além das formas lexicais e gramaticais do texto, com foco, sobretudo, em aspectos funcionais e semânticas. O objetivo dessa teoria é descrever textos a partir do estudo de estruturas pertencentes ao nível da “nuclearidade” e das “relações”, pressupondo teoricamente que:

- a) as orações que compõem a organização textual relacionam-se, hierarquicamente, de várias formas;
- b) as relações que se estabelecem entre as orações podem se basear na intenção, avaliação e escolhas de organização do enunciador;
- c) as relações podem ser do tipo núcleo-satélite ou multinucleares, que serão descritas logo a seguir.

Vale ressaltar que, para essa teoria, as relações retóricas (objetivo que a teoria procura caracterizar) estabelecem-se em todos os níveis da estrutura textual, tanto no plano da microestrutura quanto no da macroestrutura. E as sentenças e os grupos em que o texto se organiza podem interagir por meio de dois tipos de relações:

- *Relações núcleo-satélite*, em que o satélite (S) é subsidiário ao núcleo (N).
- *Relações multinucleares*, em que nenhum constituinte textual é subsidiário a outro, funcionando, cada um, como um núcleo distinto.

Em relação às definições de núcleo e satélite, cabe destacar que o núcleo pode ser compreendido como a parte mais essencial aos objetivos comunicativos da instância de produção textual, ao passo que a porção satélite configura-se como a informação

² Para uma consulta mais detalhada acerca das relações retóricas propostas pela RST, a lista de relações da teoria pode ser encontrada no site <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>. Acesso em 22/05/2021.

secundária, contribuindo, obviamente, com diferentes informações semânticas para um melhor entendimento do núcleo. Assim, a hierarquia entre as partes de um texto surge à medida que as relações do tipo “núcleo-satélite” ou as informações do tipo “multinucleares” se estabelecem como porções desse texto. Nessa perspectiva, a RST não pode ser interpretada como o resultado de uma combinação formal, afinal de contas, o estudioso da língua utiliza a estrutura retórica como uma ferramenta de interpretação para que o autor atinja seus propósitos com o texto que produziu e, além disso, para que o leitor busque os sentidos projetados no discurso.

Nas análises empreendidas à luz da RST, pode-se observar e encontrar combinações consistentes de proposições relacionais, também chamadas de “relações retóricas”, “relações semânticas” ou “relações discursivas”, a fim de que um texto não seja organizado por meio de sequências ilógicas e por lacunas que não favoreçam a construção da coerência. A esse respeito, é importante sinalizar que um determinado texto pode apresentar mais de uma análise, seja por situações de apreciações ambíguas ou por melhores explicações através de uma combinação de diferentes análises. Sob esse viés, de acordo com a RST, além das proposições relacionais que surgem a partir de combinações marcadas explicitamente na materialidade discursiva, há também as proposições que derivam de combinações implícitas.

Tomando como base essas concepções, vale ressaltar ainda o princípio da plausibilidade, proposto por Mann e Thompson (1988) e envolto na teoria da RST. Esse princípio nos diz que os julgamentos que o analista do texto faz na identificação e caracterização das relações retóricas são sempre marcados pela plausibilidade, ou seja, o analista trabalha com análises possíveis, pois não pode afirmar, com total certeza, que uma ou outra análise são corretas, mas, sim, que tais análises são aceitáveis e admissíveis, levando em consideração, no processo de investigação do texto, questões de ordem contextual, conhecimentos prévios, contratos culturais pré-estabelecidos socialmente e, ainda, as intencionalidades previstas pela instância de produção textual. Dessa maneira, no processo de análise de textos via RST, é importante salientar que variadas informações, em conjunto, podem funcionar como “pistas, indícios e parâmetros” para a construção interacional de sentidos.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza documental sobre o gênero textual “miniconto”. No tocante ao trabalho de análise dos dados, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e de cunho interpretativista, uma vez que se propõe a apresentar algumas das principais características sociocomunicativas do gênero, bem como descrever a organização retórica de minicontos selecionados para análise. Assim, neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para a elaboração deste estudo, a fim de esclarecer como os dados foram coletados e analisados.

Num primeiro momento, são apresentados os critérios de seleção, organização e tratamento do *corpus*. Na sequência, são descritos o percurso seguido e os procedimentos utilizados na análise dos minicontos examinados neste trabalho.

4.1 CRITÉRIOS USADOS PARA A SELEÇÃO DO *CORPUS*

Os minicontos que compõem o *corpus* de análise desta pesquisa foram extraídos do site <http://www.minicontos.com.br/>, com um *corpus* selecionado cronologicamente de julho a novembro de 2020. O site, criado em 2004, é uma revista eletrônica destinada exclusivamente à publicação de minicontos, organizada por Marcelo Spalding e Ana Mello, que leem os minicontos enviados por escritores diversos e os cadastram no site. Os minicontos que serão descritos mais adiante apresentam seus respectivos autores e as datas de publicação, para tanto, foram selecionados de maneira assistemática a partir de temas variados e, em virtude do escopo, apenas 5 (cinco) minicontos serão analisados quantitativamente.

4.2 PERCURSO E PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DO *CORPUS*

Para alcançar o objetivo geral e os objetivos específicos propostos para esta pesquisa, o *corpus* foi analisado em duas etapas. Na primeira etapa, apresentamos algumas das principais características sociocomunicativas do gênero “miniconto”, com ênfase na descrição de suas condições de produção, de circulação e de recepção.

Na segunda parte, os textos foram descritos à luz dos pressupostos da Teoria da Estrutura Retórica (RST). Para fins de contextualização, cada um dos minicontos selecionados é precedido de pequenas apresentações e/ou interpretações diretamente

relacionados ao texto. Na sequência, os minicontos foram divididos em unidades mínimas de análise, as quais, no presente trabalho, correspondem a unidades informacionais (equivalentes ao conceito de “idea unit” proposto por Chafe (1990) e retomado por Decat (2010)).

Em linhas gerais, conforme postula Decat (2010), essa noção pode ser definida como “jatos de linguagem”, ou “blocos de informação” (...), podendo ser qualquer porção de texto que constitua uma unidade de informação” (DECAT, 2010, p. 245). Assim, no trabalho de pesquisa, as unidades informacionais mínimas correspondem a uma cláusula, oração ou sentença, levando em consideração o contexto em que emergem e as possíveis relações retóricas que surgem a partir de certas combinações na materialidade textual dos minicontos.

Após a segmentação do *corpus*, identificamos as relações retóricas presentes entre as partes de cada texto, a fim de abarcar tanto o mapeamento e a classificação das relações retóricas encontradas, como também assinalar o papel dessas relações discursivas na projeção de sentidos. Vale frisar que, para cada miniconito examinado, elaborou-se a sua representação em forma de diagrama arbóreo, com vistas a tornar as análises mais inteligíveis e práticas.

Feitos esses apontamentos de natureza metodológica, apresentamos, na sequência do trabalho, alguns apontamentos/resultados diretamente relacionados tanto à dimensão sociocomunicativa dos minicontos quanto à organização retórica de textos representativos desse gênero.

5. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme já sinalizado, este capítulo destina-se à análise dos dados selecionados. Num primeiro momento, ainda que de forma sucinta, procuramos apresentar as condições de produção, circulação e recepção dos minicontos que formam o *corpus* desta pesquisa, apoiando-nos, sobretudo, nos estudos de Bakhtin (2011) e de autores e teorias que, em alguma medida, dialogam com os princípios bakhtiniano acerca dos gêneros do discurso. Na sequência, procuramos descrever a organização retórica dos textos, fundamentando-nos nos trabalhos de Mann & Thompson (1988), Desiderato (2003) e Decat (2010), com vistas ao entendimento da composicionalidade e da coerência

interna dos minicontos, indicando, assim, o funcionamento estratégico de cada uma de suas partes na projeção interacional de sentidos.

5.1 O GÊNERO TEXTUAL MINICONTO: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO

Desde os anos 60 do século XX, circulam, ainda que de forma difusa e generalizada, informações a respeito do gênero miniconto. A junção dessas informações, até o momento, não tem sido uma tarefa fácil, haja vista que, considerado como um gênero mais contemporâneo e inserido há pouco na BNCC para o ensino nas salas de aulas, as pesquisas em relação ao miniconto ainda estão sendo debatidas e realizadas. Cabe questionarmos o que é que faz um miniconto tornar-se uma leitura narrativa satisfatória em si, e não apenas uma frase ou parágrafo fragmentado.

Sobre a relação dos gêneros com a tecnologia, Gonzaga, segundo Silva, afirma ser

fruto da aceleração dos tempos modernos, de um novo contexto de leitura fundado pela fragmentação do próprio tempo dedicado à leitura com a explosão dos multimeios, da impossibilidade de totalização ficcional da vida, da pressa e da escassez dos tempos dedicados à leitura, lida aos bocados nas horas vagas e em contato com aparelhos eletrônicos, do esgotamento das formas tradicionais, especialmente do romance, ou fruto das possibilidades inéditas que os escritores vêm descobrindo quando postos frente à concisão extrema da forma (muitas antologias são programadas com limites de palavras), a produção de minificção vem aumentando cada vez mais seu espaço dentro do universo da literatura contemporânea, conquistando, nas últimas décadas uma difusão inédita para o gênero. (GONZAGA, 2007, p. 33 *apud* SILVA, 2016, p. 45).

A modernidade e com ela o crescimento tecnológico exigiu de nós a agilidade para a leitura. O miniconto apareceu nessa onda da informação, apresentando construções narrativas não convencionais e utilizando poucas palavras, mas, proporcionando diferentes análises e interpretações quanto ao sentido que dele provém. O miniconto surgiu então devido à praticidade de leitura, assemelhando-se a alguns elementos do tradicional conto e abordando temáticas amorosas, sexuais, políticas, educacionais etc.

Uma de suas características mais importantes é a economia de recursos concomitando o desempenho de manter o alto índice de expressividade, estruturando-se em uma linha ou, no muito, em um parágrafo. Como afirma Paulino (2001) “seu efeito

de recepção é muito forte exatamente por sua condensação” (Paulino, p. 138). Convencionalmente, quando se fala em conto, encontramos como estrutura típica elementos característicos dos textos narrativos, tais como personagem, enredo, narrador, tempo e espaço. Porém, nos minicontos, esse arcabouço pode variar, como veremos mais adiante segundo Adam (1990). Entretanto, as escolhas lexicais e sintáticas devem contribuir para que o sentido, em alguma medida, seja construído pelos leitores.

As palavras e frases que compõem o miniconto não podem estar descontextualizadas, ou seja, devem seguir uma hierarquização (como veremos mais adiante com base na análise da estrutura retórica do texto – RST) a fim de que sua composição como um todo carregue significado, acarretando aos leitores interpretações diversas que dependerão de possíveis conhecimentos prévios, para que assim o leitor possa dialogar com o enunciado, como afirma Silva (2016) “ler é construir caminhos de leitura a partir do caráter interacional do leitor com o autor, tornando o próprio leitor coprodutor do texto e, portanto, responsável pela construção de seu sentido” (SILVA, p. 24).

Outros recursos, além das escolhas lexicais, também podem ser utilizados com o intuito de contribuir para o estilo e a dinamicidade do gênero, como por exemplo, ambiguidade, polissemia, intertextualidade, omissão de conjunções etc. O gênero miniconto ainda é pouco discutido nos manuais didáticos de Língua Portuguesa, o que propicia uma prevalência de acesso desses textos na internet. Na atualidade, porém, é possível encontrar diversos sites e blogs destinados a promover a divulgação dos minicontos, bem como a possibilidade de os leitores elaborarem criações próprias e publicações e, ainda, há canais da internet que propõem concursos destinados à produção de exemplares do gênero.

Além disso, as temáticas que os circundam podem se apresentar de maneira diversa e subversiva. Nesta pesquisa, por exemplo, apresentaremos mais adiante minicontos com temas diversificados. Sendo assim, o gênero aqui analisado não pode ser visto apenas por meio de sua forma exígua, mas, sobretudo, pela capacidade linguístico-discursiva de despertar a atenção dos leitores quanto ao seu conteúdo e quanto à plurissignificação dos assuntos tratados.

Os minicontos aqui analisados trazem algumas informações que vão funcionar como um “fundo” para o leitor se contextualizar em relação à temática abordada. O predomínio hierárquico (que vamos ver mais adiante) das relações retóricas decorre, em

grande parte, do fato de os minicontos apresentarem uma estrutura textual predominantemente narrativa, em que as partes centrais de uma história (situação inicial, conflito, clímax e desfecho) podem estar explícitas nos minicontos, como também podem ser acionadas por meio de inferências e de informações implícitas. Assim, no que diz respeito à estrutura narrativa, os minicontos analisados apresentaram, em linhas gerais, uma ou outra particularidade do que Adam (1990) propõe para a caracterização da sequência narrativa de textos.

1. *Sucessão de acontecimentos*, em que os acontecimentos serão ordenados em uma ordem cronológica.
2. *Unidade temática*, em que desencadeará toda a ação narrada de um sujeito agente, mesmo que existam outros personagens.
3. *Predicados transformados*, em que o personagem apresentará transformações que o caracterizem.
4. *O processo*, em que no início, para que ocorra o fato, deverá haver uma transformação; no meio, estabelece-se a situação e no fim uma alteração que se direciona para a situação final (início, meio e fim).
5. *A intriga*, em que as causas apresentadas na narrativa devem dar sustentabilidade aos fatos narrados.
6. *A moral (explícita ou implícita)*, em que não é essencial, porém, quando aparece, traz uma reflexão sobre o fato narrado.

Desse modo, essa estrutura narrativa (início, meio e fim), que faz parte do gênero miniconto, prepara o leitor para a história que será narrada; adiante, apresenta ao leitor informações que auxiliam na compreensão e na aceitação, garantindo a progressão textual. Assim, a narratividade do gênero miniconto, breve e concisa, gira em torno de um espaço geralmente limitado e apresenta um número restrito de personagens, para que assim o contista capte a atenção do leitor, seja por meio da diversão ou reflexão dos temas abordados, bem como sua linguagem plurissignificativa e dinâmica por meio do encurtamento desses textos. Vejamos, na sequência, como se dá a organização retórica dos minicontos selecionados para este trabalho, levando em consideração, quando necessário, alguns dos apontamentos de Adam (1990) sobre a configuração da sequência narrativa nos textos analisados.

5.1 Análise do miniconto 01: “*Despedida de Solteira*”

Despedida de Solteira

No primeiro olhar, apaixonou-se pelo motorista da limusine.
Chegou na igreja com duas horas de atraso.

Autora: Esmeralda Kiefer
Publicado em: 22/07/2020

Há no texto da autoria de Esmeralda Kiefer a apresentação de uma personagem que está se dirigido para o seu casamento em uma limusine e que se apaixonou, no primeiro olhar, pelo motorista. Em relação ao contrato cultural conhecido da noiva se atrasar para o casamento, percebe-se que ela demorou a chegar duas horas. Porém, ao analisar o título, o leitor é induzido à dúvida se a demora foi proveniente de uma traição ou de um acaso.

Miniconto 01 dividido em unidades de informação:

1. Despedida de solteira

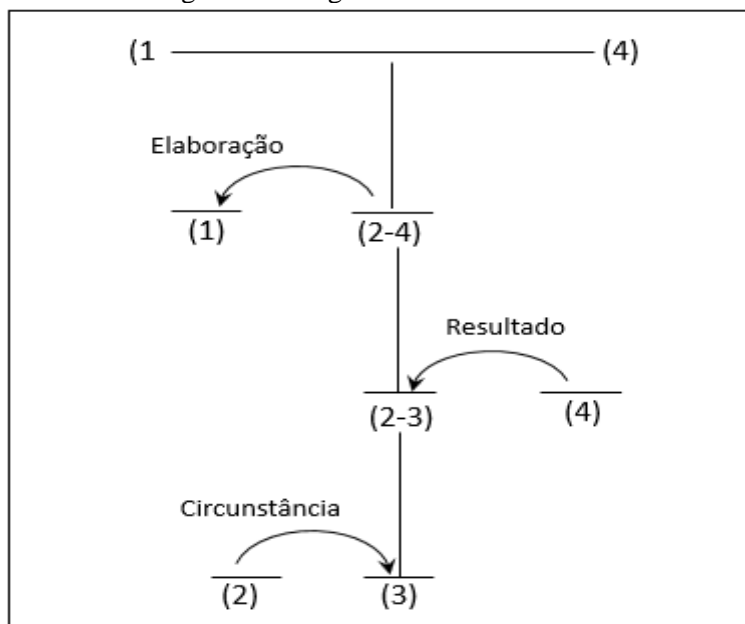
2. No primeiro olhar,

3. apaixonou-se pelo motorista da limusine.

4. Chegou na igreja com duas horas de atraso.

Levando em consideração as unidades de informação identificadas no miniconto 01 e as proposições relacionais que emergem entre as partes do texto, apresentamos, na sequência, a descrição de sua organização retórica. Essa descrição, contudo, é precedida de um diagrama arbóreo que sinaliza a organização composicional do texto.

Figura 01: Diagrama do miniconto 01



Fonte: elaboração própria

Conforme retratado no diagrama correspondente à figura 01, o miniconto intitulado “Despedida de solteira”, de autoria de Esmeralda Kiefer, foi dividido em 04 unidades de informação, as quais representam a organização retórica do texto. A unidade 1, representada pelo título, assume a função de núcleo em relação ao restante do texto (formado pelo bloco constituído pelas unidades 2-4). Entre essas partes do miniconto, nota-se a presença da relação retórica de “elaboração”, uma vez que o conteúdo disposto em (2-4) apresenta informacionais que vão desenvolver, com maior riqueza de formulação, aquilo que o título propõe. Vale frisar, aqui, a importância resumitiva desempenhada pelo título, colocado em posição nuclear, haja vista que tal informação torna-se indispensável para o processamento inferencial da história contada no miniconto. Em outros termos, o núcleo sintetiza a elucidação do ato que gerou a situação ocorrida. Nesse caso, o leitor é capaz de colocar em funcionamento seu conhecimento enciclopédico, o qual, segundo Koch (2004), diz respeito ao conhecimento de mundo que temos armazenado em nossa memória de curto ou de longo prazo. Assim, a expressão “Despedida de solteira” leva a instância de recepção do texto a acionar informações sobre uma festa privada, realizada antes de um casamento, representando, simbolicamente, a “última” oportunidade que os noivos têm de experimentar uma espécie de comemoração sem as eventuais restrições que o casamento lhes trará.

Na sequência, em outro nível hierárquico, nota-se a presença da relação retórica de resultado que emerge entre a unidade (4), posicionada na condição de satélite, e o bloco formado pelas unidades (2-3), em posição nuclear. Conforme propõem Mann & Thompson (1988), essa relação caracteriza-se por “S” configurar-se como uma ação ou situação, sinalizando, ainda que o “N” causa a ação apresentada em “S”. No miniconto em análise, é plausível afirmar que o desfecho da história (unidade 4) é um resultado decorrente da situação apresentada no bloco textual (2-3). Esse bloco, por sua vez, pode ser explicado da seguinte forma: a unidade (3) situa-se em posição nuclear, sendo precedida pela unidade (2), em posição satélite. Importante observar que a unidade (2) faz emergir, na articulação das partes, a relação retórica de circunstância, uma vez que, segundo Mann & Thompson (1988), nesse tipo de relação, a informação satélite define um contexto no assunto, no âmbito do qual se pressupõe que o leitor interpretará o que se propõe na unidade nuclear. Melhor dizendo, a informação apresentada em (2) materializa-se por meio de um sintagma adverbial de modo, evidenciando o início de uma circunstância ocasional vivenciada pela personagem feminina da história, levando-a a se apaixonar pelo motorista da limusine.

Tais considerações evidenciam, como pontua Adam (1990), a sucessão de acontecimentos que está presente no miniconto analisado – acarretada pela noiva que é o sujeito agente (unidade temática) – desde o primeiro olhar até as duas horas de atraso para o casamento. Além disso, o processo, que desencadeia a transformação direcionada para a situação final revela a traição da noiva antes de chegar ao seu casamento (unidade de informação 3 (três)). Dentro dessa perspectiva, podemos perceber a eficácia da aplicabilidade da RST em consonância com algumas particularidades propostas por Adam (1990), o que gera um somatório no entendimento e na interpretação do miniconto em questão.

5.2 Análise do miniconto 02: “À distância”

À distância

Entrou pela janela virtual.
Adentrou sem pensar pela primeira vez.
Dedos molhados, prazer experimentado e medo castrado.

No texto escrito por Elaína Maria, há a apresentação de um personagem que entra, pela primeira vez, em uma página da *Web* (janela virtual). Pelo entendimento implícito de cunho sexual contido no texto, percebe-se que o personagem pode ter conhecido alguém, ou ter se saciado (sexualmente) por conta própria, de qualquer maneira, o medo da primeira vez foi afastado, gerando um prazer experimentado.

Miniconto 02 dividido em unidades de informação:

1. À distância

2. Entrou pela janela virtual.

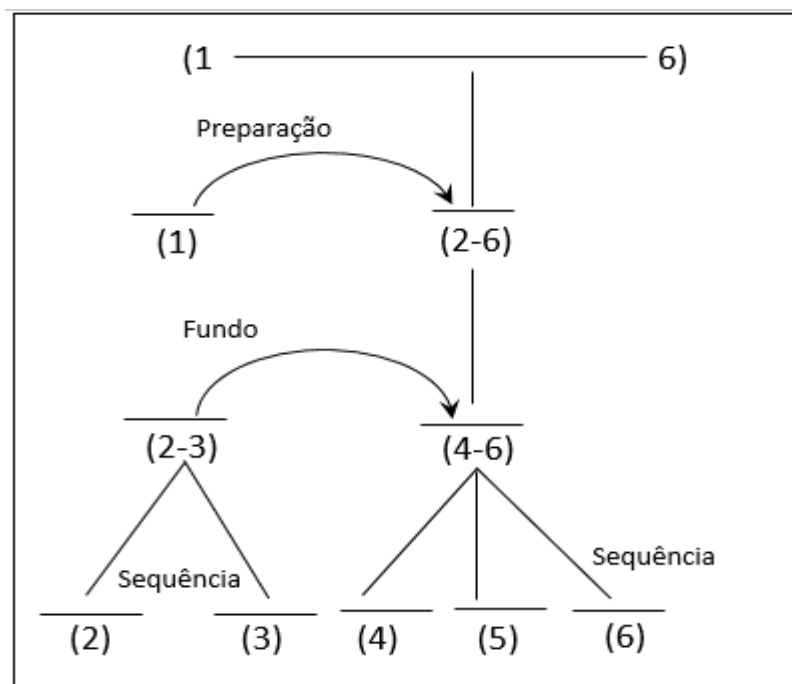
3. Adentrou sem pensar pela primeira vez.

4. Dedos molhados,

5. prazer experimentado

6. e medo castrado.

Figura 02: Diagrama do miniconto 02



Fonte: elaboração própria

O segundo miniconto analisado apresenta 6 (seis) unidades informacionais responsáveis por sua organização textual. A unidade 1 (um), representada pelo título, assume a função de satélite em relação ao texto como um todo, mantendo, com as unidades (2-6) uma relação retórica de preparação. Segundo Mann e Thompson (1988), tal relação caracteriza-se, fundamentalmente, por situar-se numa posição cotextual anterior ao núcleo e apresentar informações capazes de despertar o interesse do leitor, no intuito de orientá-lo em relação ao processamento do conteúdo temático de um determinado texto. No miniconto, a expressão “À distância” cumpre exatamente essa função, sendo, inclusive, de fundamental importância para o processamento do texto.

Na sequência, nota-se que as unidades informacionais 2 (dois) e 3 (três), na posição satélite, servem de “fundo” para o bloco informacional constituído pela unidade de 4 (quatro) a 6 (seis) – que compõem o núcleo. Mann e Thompson (1988) afirmam que, nesse tipo de relação, o leitor poderia não compreender integralmente o núcleo sem antes ler o que é proposto no satélite, evidenciando, no miniconto 02, o caráter essencialmente contextualizador da relação retórica de fundo (responsável pelas ações narrativas praticadas pela personagem central da história, na situação inicial do texto).

Entre as unidades (2) e (3), nota-se a ocorrência da relação multinuclear de sequência, uma vez que há, explicitamente, uma ideia de sucessão entre as situações apresentadas nesses dois núcleos. Num mesmo nível hierárquico, a relação de sequência é novamente percebida entre as unidades (4), (5) e (6), todas em posição nuclear. Trata-se de uma estratégia da instância de produção do texto, no sentido de narrar ações de mesma importância para o processamento da história, exigindo do leitor, mais uma vez, o acionamento de conhecimentos prévios sobre as ações praticadas pela personagem. Vale mencionar, conforme propõe a RST, que, nas relações multinucleares, uma porção de texto não é ancilar ou subsidiária à outra, haja vista que, nesse tipo de relação (como é o caso da proposição relacional de sucessão), cada porção de texto representa um núcleo distinto.

Vale ainda registrar que, no bloco formado pelas UIs (4-6), a última informação descrita na unidade 6 (seis), como propõe Adam (1990), pode se enquadrar numa espécie de “moral” colocada em cena pelo miniconto, visto que não seria, a priori, um dado obrigatoriamente essencial para o texto. Contudo, estando presente a ação (6) na narrativa, essa informação confere ao miniconto uma reflexão sobre o fato narrado: a personagem, ao experimentar um prazer pela primeira vez por meio da *web*, privou e cessou o medo que ela parecia apresentar sobre questões de cunho sexual, medo esse que fica

implicitamente sugerido no texto, podendo ser visto pelo leitor como uma espécie de receio da personagem em conhecer alguém ou, até mesmo, de esse alguém descobrir seus atos. Medos variados que, no desfecho retórico do miniconto, podem ser inferidos por meio do emprego da relação discursiva de “sequência”, comprovando, por assim dizer, a importância da coerência interna de um texto.

5.3 Análise do miniconto 03: “*Isolamento*”

Isolamento

Isolou-se com receio do Covid-19. Foi contaminado pela solidão.

Autor: Roberto Passos do Amaral Oeireira
Publicado em: 28/07/2020

A temática proposta por Roberto Passos em seu miniconto baseia-se no isolamento causado pela Covid-19. O personagem se isola devido aos cuidados quanto à doença e por isso não mantém contato em meios sociais, porém, o distanciamento e a reclusa acarretam solidão a ele.

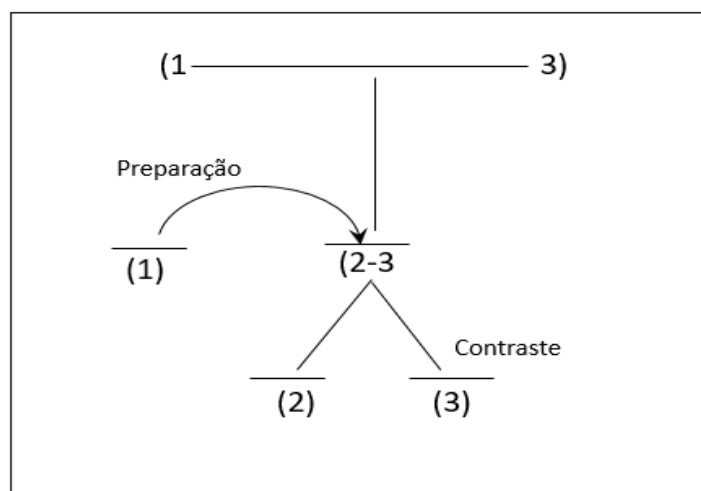
Miniconto 03 dividido em unidades de informação:

1. Isolamento

2. Isolou-se com receio do Covid-19.

3. Foi contaminado pela solidão.

Figura 03: Diagrama do miniconto 03



Fonte: elaboração própria

O miniconto intitulado “Isolamento”, retratado também nos capítulos anteriores como “microconto” devido ao seu tamanho, apresenta apenas 3 (três) unidades de informação. Entre a unidade textual 1 (um), na posição satélite, e o bloco formado pelas unidades 2 (dois) e 3 (três) – em posição de núcleo, emerge a relação retórica de preparação. Mais uma vez, no processo analítico e interpretativo de um miniconto, vale enfatizar a importância do título no sentido de provocar no leitor determinados graus de curiosidade, interesse e disposição para a leitura do texto. Em um segundo nível da hierarquia organizacional e retórica do texto, nota-se a existência de um bloco informacional constituído pelas unidades (2) e (3), ambas apresentadas em posição nuclear. Na conexão semântica entre as duas, observa-se a presença da relação retórica multinuclear de contraste, uma vez que o fragmento “(...) foi contaminado pela solidão” - unidade 03 – estabelece uma disparidade simbólica (e figurativa) com a unidade informacional (2) “Isolou-se com receio do Covid-19”. Vale acrescentar que, entre essas unidades, poderia ser adicionada uma conjunção de natureza adversativa, por exemplo. Além disso, é importante assinalar que a relação retórica de contraste parece desempenhar, no miniconto analisado, uma certa crítica ao período pandêmico. Dito de forma mais clara, trata-se de um julgamento que pode ser entendido não necessariamente como uma censura à pandemia em si (enquanto crise sanitária), mas, possivelmente, à forma política e ideológica com que tal mazela foi gerida pelo poder público. Tais apontamentos, em alguma medida, assentam-se na construção lúdica e imaginativa proporcionada pela esfera artístico-literária em que circula o texto analisado.

Esse miniconto, mesmo com uma estrutura menor que os outros investigados até aqui, tem a capacidade de auxiliar na compreensão e na aceitação do leitor devido ao assunto atual tratado: Covid-19. Os *predicados transformados*, como afirma Adam (1990), são responsáveis pelas alterações que caracterizam o personagem: a doença que acarretou o isolamento e, conseqüentemente, como exposto na unidade de informação 3 (três), gerando as mudanças sociais do personagem e a alteração no enredo até a situação final: a solidão.

5.4 Análise do miniconto 04: “*Branca de Neve Moderna*”

Branca de Neve Moderna

A moça tinha a pele branca como a neve e o cabelo escuro como breu. Abandonou os sete irmãos, fugiu da madrasta, fez uma torta com a maçã e foi vender na feira. Ficou tão famosa com a sua receita de torta que nunca mais quis saber do príncipe.

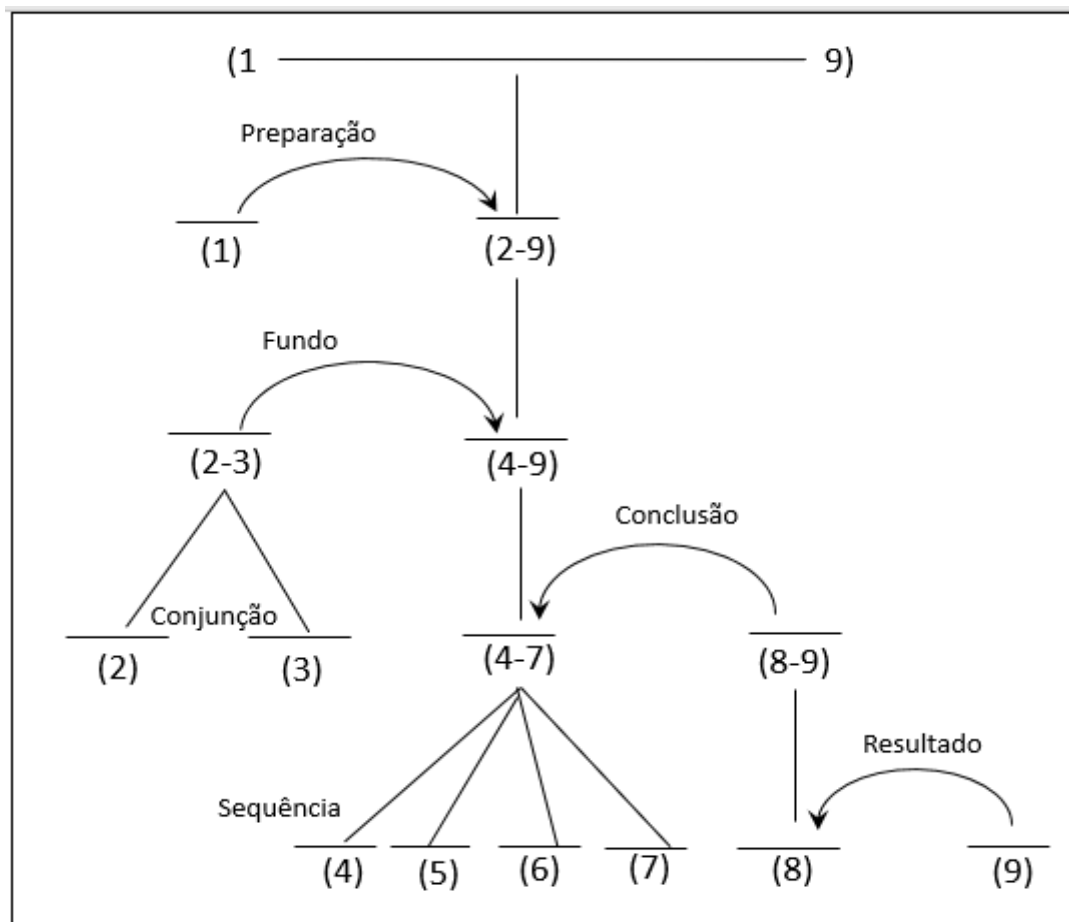
Autora: Karen Minato Eifler
Publicado em: 03/09/2020

Ao abordar a temática do empoderamento feminino, a autora Karen Eifler intertextualiza em seu miniconto o conto de fadas da Branca de Neve, porém, em uma versão mais atualizada e moderna. A personagem, no texto, deixa de cuidar dos sete irmãos (sete anões) e foge da madrasta que, pela história conhecida, tentaria envenená-la com uma maçã. Contudo, Branca de Neve acaba fazendo uma torta com a fruta, tornando-se, no miniconto exposto, reconhecida pela famosa preparação do seu prato. Assim, a história direciona-se para a independência da personagem feminina, focalizando não mais a submissão da mulher (princesa) ao príncipe encantado.

Miniconto 04 dividido em unidades de informação:

1. Branca de Neve Moderna
2. A moça tinha a pele branca como a neve
3. e o cabelo escuro como breu.
4. Abandonou os sete irmãos,
5. fugiu da madrasta,
6. fez uma torta com a maçã
7. e foi vender na feira.
8. Ficou tão famosa com a sua receita de torta
9. que nunca mais quis saber do príncipe.

Figura 04: Diagrama do miniconto 04



Fonte: elaboração própria

O miniconto intitulado “Branca de Neve Moderna”, conforme evidencia o diagrama apresentado, foi dividido em 09 (nove) unidades de informação – UIs. Levando em conta um dos propósitos comunicativos do gênero (provocar reflexões no leitor sobre temáticas de natureza social), nota-se que a organização retórica do texto reflete, em alguma medida, as intencionalidades da instância de produção, uma vez que a articulação das informações segue uma linha narrativa para contar a história ressignificada da “Branca de Neve”.

Assim, na composição do texto, a unidade retórica 01, representada pelo título, ocupa uma posição de satélite em relação ao restante do texto (núcleo formado pelas UIs 2-9). Entre essas partes, nota-se a emergência da relação retórica de preparação. Como já informado na análise de outros minicontos, o título cumpre a tarefa de despertar a curiosidade do leitor, instigando-o a ler e a interpretar o texto sob a perspectiva proposta. No caso em análise, a instância de produção do texto “projeta” uma nova

possibilidade interpretativa a partir do título, levando o leitor, no processo interativo de construção de sentidos, a ler o miniconto sob um novo prisma informacional.

A porção satélite constituída pelas UIs (2-3) serve de “fundo” para a porção nuclear formada pelas unidades (4-9). Em outros termos, observa-se que a autora do miniconto, na porção (2-3), coloca em cena informações descritivas sobre a personagem da história, sinalizando, entre essas UIs, a presença de uma relação multinuclear de conjunção. Conforme Mann & Thompson (1988), essa relação caracteriza-se, primordialmente, pela união de elementos com vistas à formação de uma unidade em que cada elemento acaba desempenhando papel semelhante. Importante registrar que, no miniconto, essas UIs (2-3) correspondem ao que, no estudo composicional de narrativas, convencionou-se chamar de “situação inicial”.

Dando continuidade, nota-se que, em um diferente nível hierárquico da composição textual, as unidades (4-7) atuam como núcleo e as unidades (8-9) formam um bloco textual na posição satélite. Entre essas partes, é plausível afirmar a existência da relação retórica de conclusão, em que (8-9) constituem o “desfecho” inusitado da história. As unidades informacionais 4 (quatro), 5 (cinco), 6 (seis) e 7 (sete) formam um bloco textual marcado pela relação retórica de sequência. Ou seja, trata-se de unidades multinucleares que evidenciam um conjunto de ações cronológicas realizadas pela personagem principal da história. A relação de sequência, como descrita por Mann, Matthiessen e Thompson (1992), produz no enunciatório o reconhecimento de sucessões entre os núcleos. Os núcleos possuem informações de mesma natureza e configuram-se como elementos comparáveis. Apesar de manter estreita semelhança com a relação discursiva de lista, por exemplo, a relação de sequência particulariza-se por apresentar um marcador temporal entre os elementos. Assim, um dos núcleos sempre será cronologicamente antecedente a outro, formando ligações de temporalidade entre eles, o que é plenamente observado nesse bloco informacional do miniconto em apreço. Segundo a RST, numa situação desse tipo, o leitor é capaz de reconhecer as unidades informacionais atuando como núcleos distintos, sem a necessidade de um satélite para subsidiá-las.

Por fim, no bloco formado pelas unidades (8-9), percebe-se a presença da relação retórica de resultado. Nesse caso, a UI (8) apresenta-se numa posição nuclear e a informação final proposta em (9) caracteriza-se como um resultado direto do que é afirmado no núcleo. Dessa forma, o leitor reconhece que o conteúdo apresentado no

núcleo “Ficou tão famosa com a sua receita de torta” causa a situação ou a ação descrita no satélite “que nunca mais quis saber do príncipe”.

Na perspectiva de Adam (1990) é plausível afirmar que o desencadeamento do miniconto *Branca de Neve Moderna* apresenta a maioria das características narrativas apontadas anteriormente. Posto a isso, graças à articulação entre as unidades informacionais que compõem o miniconto, podemos perceber que: (i) primeiramente, a ordem cronológica proveniente da *sucessão de acontecimentos* faz jus ao conto original da Branca de Neve; (ii) em seguida, a *unidade temática* revela o sujeito agente, mesmo apresentando outros personagens: sete irmãos, madrasta e príncipe; (iii) em terceira análise, os *predicados transformados* apresentam Branca de Neve em um processo transformativo de empoderamento e mudança da situação do meio em que vive (ou, seja, do meio tradicionalmente apresentado pelo conto de fadas original). Sobre o *processo*, como afirma Adam (1990), no início, o fato de a personagem abandonar os irmãos e, na sequência, fugir da madrasta, fazer e vender uma torta na feira, são informações importantes que culminam no final da história (ressignificada a partir do momento em que, no mundo contemporâneo, a figura feminina mostra-se independente e com uma visão não mais romantizada sobre o mundo, descartando, inclusive, a figura do “príncipe encantado”).

5.5 Análise do miniconto 05: “A Solteirona”

A Solteirona

Ela nunca se casou, mas sempre procurava alguém para amar. Inclusive, os hóspedes que frequentavam sua pousada. Quando chegou aquele cavalheiro, belo e elegante, para trabalhar no banco local, tornou-o o hóspede mais importante. Atendia-o em seus mínimos desejos. Inclusive mandou matar o galo que o incomodava pela manhã. Até o dia em que ele trouxe esposa e filhos para ela cuidar.

Autora: Sueli Couto Rosa
Publicado em: 30/11/2020

Sueli Couto, autora do miniconto 5 (cinco), aborda a desilusão amorosa e, ao mesmo tempo, a submissão da personagem que procurava alguém para amar e se acabou apaixonando. A protagonista, dona de uma pousada, apaixonara-se pelo hóspede que iria trabalhar no banco local. Atendia-o em todas as suas vontades, acreditando que o amor era recíproco, até chegar esposa e filhos do hóspede, todavia, para ela cuidar.

Miniconto 05 dividido em unidades de informação:

1. A Solteirona

2. Ela nunca se casou,

3. mas sempre procurava alguém para amar.

4. Inclusive, os hóspedes que frequentavam sua pousada.

5. Quando chegou aquele cavalheiro, belo e elegante, para trabalhar no banco local,

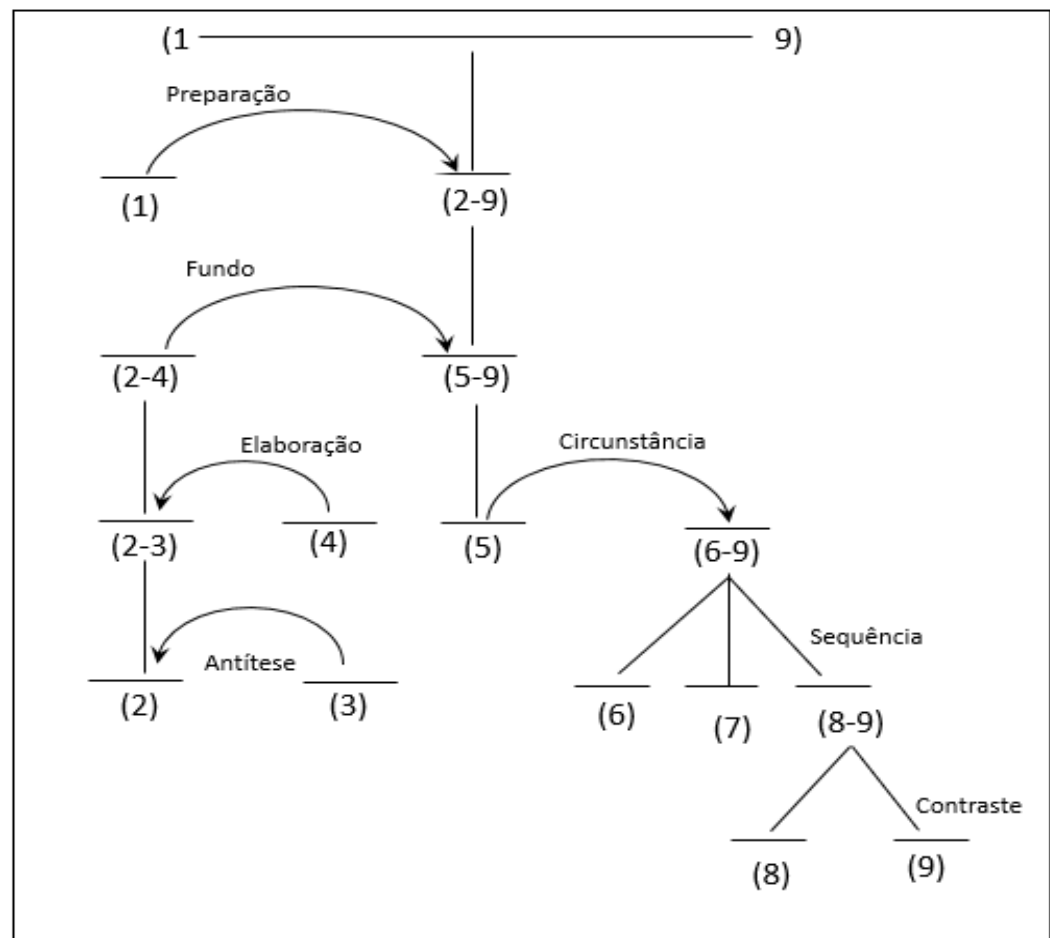
6. tornou-o o hóspede mais importante.

7. Atendia-o em seus mínimos desejos.

8. Inclusive mandou matar o galo que o incomodava pela manhã.

9. Até o dia em que ele trouxe esposa e filhos para ela cuidar.

Figura 05: Diagrama do miniconto 05



Fonte: elaboração própria

O quinto e último miniconto investigado na pesquisa apresenta 9 (nove) unidades de informação. A unidade 1 (um), representada pelo título, serve de preparação para o bloco nuclear formado pelas unidades (2-9). As unidades (2-4), situadas em posição de satélite, servem de fundo para o bloco textual nuclear constituído pelas UIs (5-9).

Em um nível hierárquico inferior, nota-se que as UIs (2-3) constituem um núcleo e a unidade informacional (4) representa o satélite desse núcleo. Entre essas partes emerge a relação discursiva de elaboração. Em termo mais claros, segundo Mann e Thompson (1988), essa relação caracteriza-se, primordialmente, por apresentar no satélite dados e informações adicionais sobre a situação, fato ou assunto apresentado no núcleo. Dessa forma, enquanto no núcleo apresenta-se uma informação de caráter mais geral (conjunto, abstração, generalização, processo ou objeto), no satélite apresenta-se uma informação mais detalhada ou específica (membros do conjunto, exemplos, especificações, partes que compõem o processo ou atributos do objeto). Isso fica evidente no miniconto analisado, uma vez que a unidade (4) apresenta uma especificação (os hóspedes que frequentavam a pousada), sendo tal recurso utilizado para elaborar melhor a ideia sinalizada no bloco nuclear (2-3), bloco este responsável pela informação de que a “solteirona”, protagonista da história, embora não tenha se casado, ainda assim procurava alguém para amar. Interessante notar que entre as unidades (2 – núcleo) e (3 – satélite) emerge a relação retórica de antítese, marcada explicitamente no texto pelo conector adversativo “mas”. Na estrutura narrativa, nota-se que, em conjunto, as unidades (2), (3) e (4) funcionam como a situação inicial da história.

Consequentemente, a unidade 5 (cinco), vista como satélite, funciona como uma circunstância para o bloco informacional constituído pelas unidades (6-9) – interpretado como núcleo. Nesse caso, a RST pontua que o leitor, ao se deparar com uma relação de circunstância, reconhecerá que a informação satélite oferece os elementos basilares que devem guiar sua interpretação do núcleo. No miniconto, isso se confirma por meio da oração adverbial de tempo colocada na posição inicial da unidade 05 (que descreve, também, características de ordem estética e comportamental do “cavalheiro” que chegou para trabalhar no banco local. A unidade 05, nos estudos propostos por Adam (1990), pode ser caracterizada como o elemento de “complicação” da história.

Uma vez que a complicação foi instaurada no miniconto, a instância de produção do texto coloca em cena o bloco formado pelas unidades informacionais (6), (7) e (8-9), numa relação multinuclear de sequência. A informação presente nesse bloco evidencia uma ideia de sucessão de ações praticadas pela protagonista da história. Tais ações

revelam, assim, o clímax da narrativa. Por fim, é plausível afirmar que entre as unidades informacionais (8) e (9) emerge a relação retórica de contraste. Trata-se, como já sinalizado anteriormente, de uma relação de natureza multinuclear, haja vista que tanto o conteúdo de (8) quanto o conteúdo de (9) instauram-se no miniconto em posição nuclear. Vale notar, sobretudo, que a relação discursiva de contraste é legitimada pelo emprego da preposição “até” que, ao ser colocada em posição inicial na unidade informacional (9), expressa um limite posterior de tempo, evidenciando, assim, o desfecho da história. Em termos da estrutura narrativa, a UI (9) funciona, portanto, como uma possível resolução do conflito instaurado na materialidade do miniconto analisado.

Importante registrar também que, no texto, com base no que propõe Adam (1990), a solteirona descrita no miniconto atua como o sujeito agente da história. Todavia, o texto apresenta também outros personagens (hóspedes, cavalheiro, galo, esposa e filhos). Além disso, percebe-se que, pelas unidades informacionais (2-5), que os acontecimentos são ordenados em uma ordem cronológica. A esse respeito, o fato de nunca ter se casado (unidade informacional 1) gera a transformação exposta nas unidades 5 (cinco) a 8 (oito). E, por fim, a sinalização da “situação final” (marcada pela unidade informacional 9), a qual proporciona certa sustentação aos fatos narrados.

À luz dessas considerações e ao longo das investigações descritas em todos os minicontos explorados, pode-se perceber o encadeamento que ocorre entre as unidades e os blocos informacionais propostos pela RST e pela progressão narrativa exposta por Adam (1990). Assim, ocorre uma amarração entre as ideias e os sentidos propostos pelos minicontos, corroborando para uma melhor compreensão e interpretação dos textos analisados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade, é possível afirmar que o público leitor tem apresentado, cada vez mais, um vasto interesse e uma grande necessidade por leituras mais rápidas e dinâmicas devido à quantidade de informações provenientes do acesso às novas tecnologias. Nessa perspectiva, vale ressaltar que os documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) retratam a importância de se ensinar diferentes fontes de informações e recursos tecnológicos para conseguirmos abarcar os novos gêneros que circulam nas culturas digitais.

A maneira como acessamos e processamos os textos na atualidade tem passado por transformações, exigindo, assim, novos entendimentos de como a interpretação e a compreensão se faz presente em gêneros textuais recém-criados. Partindo dessas considerações, este trabalho tomou como objeto de investigação o gênero miniconto, a partir de um estudo de textos veiculados em uma revista virtual destinada à produção e divulgação desses textos. Além disso, a Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory* – RST) abarcou a composição dos minicontos analisados, a fim de entendermos como as partes de um texto auxiliam na funcionalidade e no entendimento semântico deles, auxiliando assim, por meio dessa teoria, uma maneira descritiva de se buscar a explicação da coerência dos textos.

Sob esse viés, cabe ressaltar também os apontamentos propostos por Adam (1990) ao estipular as particularidades narracionais que foram analisados os minicontos. Especificidades essas envoltas e encadeadas em uma “rede” por meios das unidades e dos blocos de informação. A fim de delimitar a investigação proposta, analisamos a constituição e o funcionamento do gênero miniconto, ponderando condições específicas de intenção do autor e da interpretação do leitor. Além disso, por meio do sistema organizacional das unidades de informações provenientes de cada miniconto examinado, a pesquisa evidenciou diferentes efeitos de sentidos produzidos pelos textos, posto que as estratégias discursivas empregadas no gênero acarretaram análises e apreciações de diferentes formas.

No que se refere às características composicionais do gênero analisado, os resultados apontaram que o miniconto pode ser visto a partir de uma nova ótica, além dos recursos de natureza literária que caracterizam essa prática discursiva. Ou seja, com base na RST, foi possível observar nos minicontos a forma como as informações estão articuladas retoricamente, sendo cada parte, em posição satélite ou nuclear, indispensável

aos propósitos comunicacionais da instância de produção dos textos. A opção por organizar os minicontos de uma forma predominantemente narrativa, por exemplo, não é aleatória, haja vista que essa forma de estruturação textual já conta com conhecimentos prévios dos leitores que, no processamento interacional de construção de sentidos, buscam encontrar, na materialidade dos textos, um conteúdo coerentemente organizado com início, meio e fim narrativos.

Por fim, a explanação aqui empreendida procurou demonstrar a possibilidade de se trabalhar a articulação entre as partes de um texto em relação a sua estrutura retórica e as interpretações que delas emergem. A pesquisa revelou, ainda, que as unidades informacionais (UIs) contribuem de maneira significativa para a organização do discurso, por meio de uma rede de relações entre as partes do texto que se combinam a fim de formar um texto dotado de organização lógica no tocante à sua composicionalidade. Afinal de contas, podemos perceber que o encadeamento retórico entre os elementos do texto reflete a função que ele exerce de maneira lógico-semântica, acarretando, assim, uma melhor organização textual que auxilia na apreciação e no entendimento dos leitores.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. **Eléments de linguistique textuelle: théorie et pratique de l'analyse textuelle**. Liège: Mardaga, 1990.

ANTONIO, J. D. Estrutura retórica do texto: uma proposta para a análise da coerência. **Signótica**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 223–236, 2008. DOI: 10.5216/sig.v15i2.3759. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/3759>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa, 3º e 4º ciclos**. Brasília/DF: Ministério da Educação/SEB, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Estrutura retórica e articulação de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista. In.: SARAIVA, M. E. F.; MARINHO, J. H. C. (Orgs.). **Estudos da língua em uso: da gramática ao texto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 231-262.

GONZAGA, Pedro. **A poética da minificação: Dalton Trevisan e as ministórias de ah, é?** 2007, 120f. Dissertação (Mestrado em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Lusoafricanas) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp080609.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2021.

KOCH, Ingedore Vilaça & Vanda Maria ELIAS. 2009. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Editora Contexto.

MANN, William & THOMPSON, Sandra. **Relational propositions in discourse**. California: University of Southern California, 1983, p. 3-9.

MANN, William & THOMPSON, Sandra A. Rhetorical Structure Theory: Toward a Functional Theory of Text organization. **Text**, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>> Acesso em: 21 jan. 2021.

MANN, W. C.; MATTHIESSEN, C. M. I.M.; THOMPSON, S.A. Rhetorical Structure Theory and text analysis. In.: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (eds). **Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text**. Amsterdam/Philadelphia: J. Nenjamins, 1992. p. 39-77.

MARCUSCHI, L. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KAWORSKI et al. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

PAULINO, Graça [*et al.*]. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

SILVA, Evaldo Gomes da. **Leitura de microcontos mediada por aplicativo para smartphone no nono ano do ensino fundamental**. Pernambuco: UFPE, 2016. Dissertação (Mestrado em Letras), Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

SPALDING, Marcelo. **Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

TRINCONI, Ana. **Teláris língua portuguesa 9º ano** / Ana Trinconi, Terezinha Bertin, Vera Marchezi. – 3. ed. – São Paulo: Ática, 2019.

ANEXO: quadro com a definição das relações retóricas

Fonte: disponível em <<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>>

Definições de relações retóricas do tipo núcleo-satélite

Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Alternativa	em N: N representa uma situação não realizada em S: S representa uma situação não realizada	realização de N impede a realização de S	L reconhece a relação de dependência de impedimento que se estabelece entre a realização de N e a realização de S
Avaliação	Nenhuma	em N + S: S relaciona N com um grau de atitude positiva de A face a N	L reconhece que S confirma N e reconhece o valor que lhe foi atribuído
Causa involuntária	em N: N não representa uma ação voluntária	S, por outras razões que não uma ação voluntária, deu origem a N; sem a apresentação de S, L poderia não conseguir determinar a causa específica da situação; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece S como causa de N
Causa voluntária	em N: N constitui uma ação voluntária ou mesmo uma situação possivelmente resultante de uma ação voluntária	S poderia ter levado o agente da ação voluntária em N a realizar essa ação; sem a apresentação de S, L poderia não perceber que a ação foi suscitada por razões específicas ou mesmo quais foram essas razões; N é mais importante do que S para cumprir os objetivos de A, na criação da combinação N-S	L reconhece S como a causa da ação voluntária em N

Circunstância	em S: S não se encontra não realizado	S define um contexto no assunto, no âmbito do qual se pressupõe que L interprete N	L reconhece que S fornece o contexto para interpretar N
Condição	em S: S apresenta uma situação hipotética, futura, ou não realizada (relativamente ao contexto situacional de S)	Realização de N depende da realização de S	L reconhece de que forma a realização de N depende da realização de S
Condição inversa	Nenhuma	S afeta a realização de N; N realiza-se desde que S não se realize	L reconhece que N se realiza desde que S não se realize
Elaboração	Nenhuma	S apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentados em N ou passíveis de serem inferidos de N, de uma ou várias formas, conforme descrito abaixo. Nesta lista, se N apresentar o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo: conjunto/membro abstração/exemplo todo/parte processo/passos Objeto/atributo generalização/especificação	L reconhece que S proporciona informações adicionais a N. L identifica o elemento do conteúdo relativamente ao qual se fornece pormenores
Incondicional	em S: S poderia afetar a realização de N	N não depende de S	L reconhece que N não depende de S
Interpretação	Nenhum	em N + S: S relaciona N com várias ideias que não se encontram diretamente relacionadas com N, e que não estão relacionadas com a atitude positiva de A	L reconhece que S relaciona N com várias ideias que não se encontram relacionadas com o conhecimento apresentado em N
Método	em N: uma atividade	S apresenta um método ou instrumento que tende a aumentar as probabilidades de realização de N	L reconhece que o método ou instrumento de S tende a aumentar as probabilidades de realização de N

Propósito	em N: N é uma atividade; em S: S é uma situação que não se encontra realizada	S será realizado através da atividade de N	L reconhece que a atividade em N se inicia para realizar S
Resultado involuntário	em S: S não representa uma ação voluntária	N causou S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece que N poderia ter causado a situação em S
Resultado voluntário	em S: S constitui uma situação ou ação voluntária possivelmente resultante de uma ação voluntária	N pode ter causado S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A do que a apresentação de S	L reconhece que N pode ser uma causa da ação ou situação em S
Solução	em S: S apresenta um problema	N constitui uma solução para o problema apresentado em S	L reconhece N como uma solução para o problema apresentado em S

Definições das relações multinucleares

Nome da relação	Condições em cada par de N	Intenção de A
Conjunção	Os elementos unem-se para formar uma unidade onde cada um dos elementos desempenha um papel semelhante	L reconhece que os elementos inter-relacionados se encontram em conjunto
Contraste	Nunca mais de dois núcleos; as situações nestes dois núcleos são (a) compreendidas como sendo as mesmas em vários aspectos (b) compreendidas como sendo diferentes em alguns aspectos, e (c) comparadas em termos de uma ou mais destas diferenças	L reconhece a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) suscitadas pela comparação realizada
Disjunção	Um dos elementos apresenta uma alternativa (não necessariamente exclusiva) à(s) outra(s)	L reconhece que os elementos inter-relacionados constituem alternativas
Junção	Nenhuma	Nenhuma

Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro N através de uma relação de Lista	L reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados
Reformulação multinuclear	Um elemento constitui, em primeiro lugar, a repetição de outro, com o qual se encontra relacionado; os elementos são de importância semelhante aos objetivos de A	L reconhece a repetição através dos elementos relacionados
Sequência	Existe uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos	L reconhece as relações de sucessão entre os núcleos